

UMA NOITE COM DOM SALVADOR

Lenda viva do jazz brasileiro e peça fundamental da bossa nova e do samba funk, o pianista recebeu *Carbono Uomo* no River Café, em Nova York, bar onde se apresenta há mais de quatro décadas

Por Eduardo Ribeiro Fotos Guilherme Santana

O River Café fica ao pé da Brooklyn Bridge e oferece uma vista privilegiada da ponte, do East River e das balsas que transitam numa das áreas mais turísticas da região. Frequentado especialmente pela alta classe de Nova York, ali se confraternizam casais vestidos a rigor. Ao lado da entrada do salão principal, os clientes são recepcionados pelos maîtres e pelo tilintar das notas de Dom Salvador, sentado ao piano de cauda Steinway & Sons, de frente para o bar.

Salvador da Silva Filho é um dos maiores pianistas da história da música brasileira, embora pouco lembrado. Nasceu em Rio Claro, interior de São Paulo, Dom, o mais novo de 11 irmãos, respira música desde menino. O pai, ferroviário, e a mãe, dona de casa, costumavam organizar saraus no quintal. Ele começou no repique e logo foi estudar bateria. Quando seu professor se mudou da cidade, rumou para outros instrumentos.

Após uma breve passagem pelo soprano, ingressou no Conservatório Carlos Gomes, de Campinas, formando-se em piano em 1960. A chegada a Nova York, em 1973, teve como razão a visita a uma sobrinha que lá morava. Daí acabou se envolvendo na cena jazz local e foi ficando, ele, a esposa, a cantora Mariá Ignez Vieira, com quem teve dois filhos, Marcelo e Simone. No River Café, toca desde 1977, momento em que trocou o showbiz brasileiro pela badalação nova-iorquina.



Dom Salvador toca no River Café, no Brooklyn, em Nova York

Com uma década no portfólio arranjando instrumentos para discos clássicos de Elis Regina, Elza Soares, Jorge Ben e Roberto Carlos, fundou o grupo Abolição e fez história na black music nacional com o álbum *Som, Sangue e Raça*, de 1971 – reeditado em setembro de 2018 (e já esgotado) pela gravadora norte-americana de discos de vinil Mad About, em homenagem aos seus 80 anos.

É de se esperar que o seletor público saiba que está diante de um dos artistas

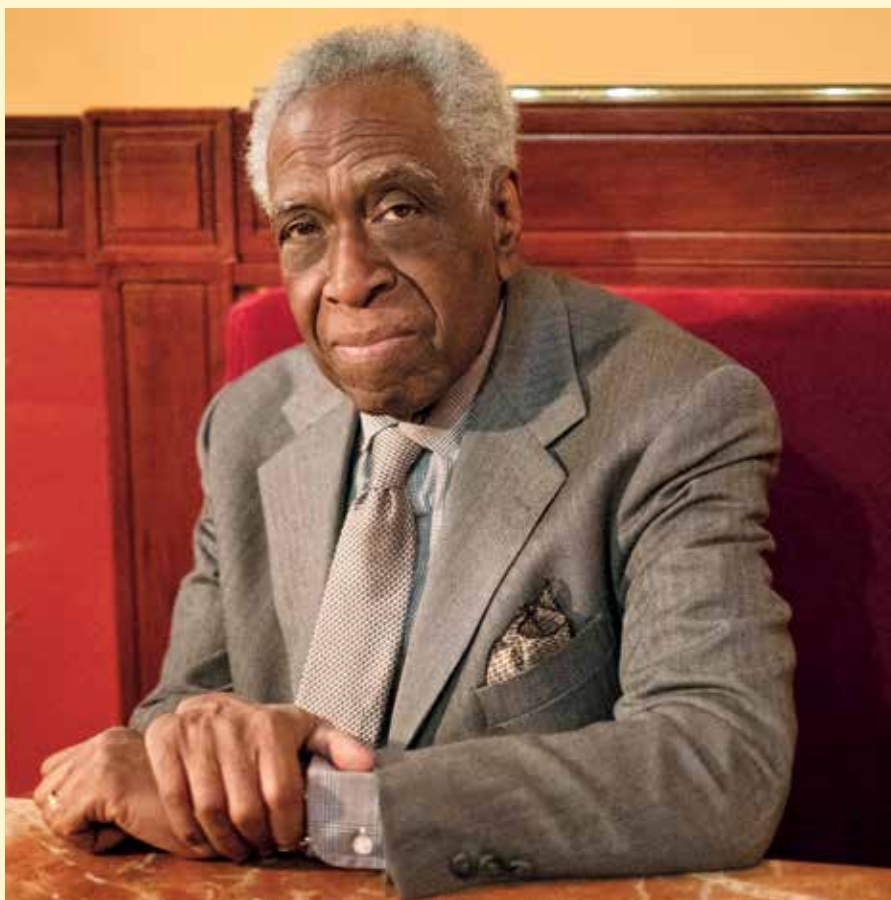
fundamentais da bossa nova, do samba jazz, do funk e da soul music, mas não é o que se vê. Lá se ouvem poucos hinos como “Uma Vida” e “Hei! Você” e standards demais: “Aqui, faço mais música ambiente, mas como me apresento há tanto tempo, posso tocar o que me vier à cabeça”. Mesmo sem apresentar sua música autoral, quando ele toca, estão presentes em cada nota tanto o virtuosismo do jazzista como o gingado do sambista – dois atributos inatos de quem

CERTA NOITE,
ANTES DE DEIXAR
O RESTAURANTE,
FRANK SINATRA
SE APROXIMOU
E O CHAMOU DE
GROOVE MAN

fez som ao mesmo tempo com o Quarteto em Cy e Wilson Simonal. Naquela terça-feira de casa lotada, Dom foi bem eclético, interpretando desde a bossa nova de Tom Jobim e João Gilberto ao jazz de Chet Baker e Billie Holiday, do samba de Ary Barroso e Adoniran Barbosa às suas composições de choro. De quebra, deu umas palhinhas de Beatles.

Dom é um sujeito elegante, não só no traje, como nos gestos. Chegou ao River Café vestindo um conjunto completo de terno e gravata, com direito a lenço no bolso, relógio de pulso e o reluzente anel de casamento. A fala é mansa e a voz, grave e agradável. Nunca eleva o tom e recita as palavras pausadamente, como se estivesse sempre maquinando com cuidado a frase seguinte. Os cabelos, grisalhos e bem aparados, a pele viçosa e o sorriso onipresente completam a sua estimulante presença. Durante o encontro, contou que, não raro perde o sono à noite, pois sua mente se vai em devaneios, a refletir sobre a vida e os projetos que deseja concretizar. A preocupação mais recorrente é a saúde da companheira (Mariá foi diagnosticada com demência em 2002 e sofre de um quadro grave de perda de memória) e o álbum com uma compilação de seus melhores chorinhos já compostos, entre antigos e inéditos, que planeja conseguir gravar até o fim do ano. Ele ainda não pensou em qual será o nome da obra.

“Essa mesa ao lado do meu piano pertence ao dono do River Café”, cochicha. “Ele sempre pede que eu toque Beatles, o que acho lindo.” Exalando



calmaria, Dom fica ali, dedilhando as teclas em improvisações à procura da próxima música. Diz que sabe de cerca de 4 mil canções. Entre um som e outro, clientes se aproximam e pedem que interprete alguma coisa específica, o que faz com prazer. “Esse é o meu trabalho, toco tudo o que quiserem escutar.”

FÃS CÉLEBRES

Certa noite, antes de deixar o restaurante, Frank Sinatra se aproximou dele e o chamou de *groove man*. Herbie Hancock também gostou do que ouviu, e até deu uma canja ao piano com ele. “Quando faço show em Nova York, convido esses clientes, e eles caem para trás”, revelou. “Teve um que disse: ‘Você parece outra pessoa!’. Claro, aqui toco som ambiente. Sou pago para isso”, diz ele, que faz sets de cinco horas no River.

Atualmente, Dom se divide entre os cuidados com a mulher, as sessões de cinco noites semanais no River Café e os esforços para encontrar tempo de

realizar seus projetos. “O River sempre me deu segurança financeira”, desabafa. “Cheguei sozinho a Nova York, depois trouxe minha família. E comecei do nada. Para o tipo de música que faço, que é uma expressão mais complexa, o jazz, não há grande público, mas foi a opção que fiz. Sempre me dediquei mais à responsabilidade de manter a família junto.” Recentemente, ele conseguiu concretizar um desses intentos, o disco *Dom Salvador & Rio 65 Trio – Live at Zankel Hall in Carnegie Hall*, gravado ao vivo em 2015, em comemoração aos 50 anos do Rio 65 Trio, grupo que liderou.

Outro projeto para breve, previsto para ser lançado no segundo semestre, além do álbum de chorinhos, é o documentário *Endless Soul*, sob direção de Lilka Hara e Artur Rattón. Há cinco anos em produção, trata-se de uma cinebiografia composta por entrevistas de familiares, bem como críticos, admiradores e músicos, e permeada de cenas históricas que mostram o artista em estúdio, apresentações e momentos íntimos.